

## Vivandeiro das ciências

MARIA BELTRÃO E FRANCISCO ANTONIO DORIA \*

Vocêalaria de um livro que não leu? Claro que não, é leviandade. Você criticaria de modo agressivo e grosseiro um livro que ainda não foi escrito? Com certeza, não; seria no mínimo uma tremenda falta de ética. Pois Eduardo Viveiros de Castro, *soi-disant* antropólogo que confessadamente não entende nada de paleoantropologia, fez as duas coisas: agrediu leviandade e aeticamente, em um artigo publicado na última quinta-feira, no **JORNAL DO BRASIL**, um livro de nossa autoria comum e que ainda não existe como livro *Viagem ao paraíso*, a sair, no entanto, pela Editora Revan, até o fim do ano.

Este livro parte de artigos científicos já publicados ou no prelo, e de muitos documentos sobre a história dos sertões baianos durante o Brasil Colônia, sendo coligidos agora com a ajuda de Neusa Esteves, uma de nossas principais especialistas no assunto. Mas Viveiros não viu ou leu nada disso; pegou foi uma desastrada carona num fato jornalístico, uma reportagem (Caderno B, 12.3.1996) sobre nossos projetos. Aproveitou-se como tanta gente se aproveita de Ayrton Senna ou dos Mamonas Assassinas...

Nosso livro pretende mostrar a beleza das pinturas rupestres da Chapada Diamantina; as fotografias vão ser acompanhadas por dois textos, um sobre a história, os mitos e as lendas da região, e o outro resumindo o que Maria Beltrão descobriu sobre sua arqueologia. Vamos primeiro aos fatos, que as lendas ficam para depois. Entre 1985 e 1987, Maria Beltrão descobriu, num sítio arqueológico próximo à cidade de Central (BA), evidências conclusivas da presença humana na área há pelo menos 300 mil anos antes do presente. Como a data é muito antiga, o carbono 14 não chega lá e foi necessário usar técnicas de

datação absoluta mais refinadas. A datação foi efetuada pelo método urano-tório em três dos maiores laboratórios do mundo. As conclusões e todo o detalhamento técnico apareceram em dois artigos, publicados na revista *L'Anthropologie* (volume 95, pp. 917-942, em 1987), no *Comptes Rendus* (vol. 306, série 2, 241-247, em 1988). Os artigos são co-autorados por Beltrão e diversos especialistas da Europa, do Japão e dos Estados Unidos; vale citar entre eles Henry de Lumley, principal paleoantropólogo europeu, descobridor do mais antigo sítio arqueológico da Europa, diretor de todos os museus científicos da França, e que assina juntamente com Maria Beltrão a comunicação à Academia de Ciências de Paris.

Como consequência, Maria Beltrão foi eleita para o comitê permanente da Association Internationale de Paléontologie Humaine, ao lado de Lumley, Richard Leakey e de Donald Johansson, o descobridor da *Lucy* na Etiópia. É a única representante do Brasil, claro.

Caroneiros de notícias lá não chegam.

Vamos agora ao caso dos tukanos, cavalo-de-batalha deste nosso vivandeiro da ciência. A presença dos Tukanos na Chapada Diamantina e sua provável autoria das pinturas rupestres de Central foi uma sugestão formulada como simples hipótese. Hipótese, enfatiza-se, muito plausível, mas sujeita a confirmação. Expliquemos. Desde 1987, como consequência dos trabalhos de Cavalli-Sforza, sabe-se que três populações povoaram as Américas antes de 1492; o maior destes grupos é o dos ameríndios, que se fixaram dos Estados Unidos para o sul. O grupo ameríndio, pega os Pueblos, a liga iroquesa, olmeecas, astecas, maias, a população Karib, as altas culturas dos Andes, os primeiros habitantes do Brasil tudo isso. Vastíssima diversidade cultural, e maior ainda nas línguas (mas

o linguísta Joseph Greenberg, de Stanford como Cavalli-Sforza, tem convincentemente afirmado que tudo isso vem de uma protolíngua só). Não há surpresa nesta variedade: pois os hititas eram uma alta cultura indo-européia, próximos parentes dos quase nômades germânicos.

Quem eram esses ameríndios originais? Um possível candidato estaria no "homem da Lagoa Santa", cujos remanescentes pontilham muito do Brasil, e foram identificados por Ten Kate, ainda no século 19, na Califórnia. E haveria dos ameríndios uma população (ainda que fisicamente diversa do Homem da Lagoa Santa, como somos, com certeza, diferentes dos primeiros *Hominis Sapiens*), culturalmente estável, sugerindo uma continuidade ao longo de milênios? Cautelosamente sugere-se aqui os tukanos como sendo uma destas populações. Uma futura tipagem genética das populações ameríndias pode provar ou desaproveitar, ou detalhar — esta bela hipótese.

Mais um detalhe a seu favor: Barbosa Leal, quando no fim do século 17 descreve o roteiro das míticas minas de prata baianas, fala diversas vezes na "planície dos tukanos", no meio da Chapada. Lá estiveram, portanto, goste disso ou não o nosso trêfego caroneiro Viveiros.

(Aqui entra Doria, que, devido a seus estudos sobre a sociedade colonial baiana, recebeu em 1995 o Prêmio Caumont-La Force. Muito longe do qual está o nosso Viveiros.)

Qual a moral de tudo isso? Vivandeiras eram as mulheres que acompanhavam os exércitos vendendo comida aos soldados e prestando-lhes serviços de outras e variadas ordens. O caroneiro Viveiros, que pega carona em coisas que não conhece, é um vivandeiro das ciências.

\* Professores titulares da UFRJ



## Uma fraqueza evidente

EDUARDO GÓES NEVES \*

Em seu texto *Ficção Científica e Ciência Fictícia*, publicado em 14.3, o professor Eduardo Viveiros de Castro convida especialistas em arqueologia brasileira a opinar sobre as declarações da prof. Maria da Conceição Beltrão quanto a uma suposta ocupação de uma área do interior da Bahia pelos índios tukanos há cerca de 40 mil anos. Como arqueólogo que tem estudado a pré-história dos tukanos e outros grupos do alto rio Negro, posso afirmar que não há no momento bases sólidas para o teste da hipótese da prof. Beltrão, quanto mais a sua aceitação. Um dos problemas conceituais básicos da arqueologia é a inferência de categorias étnicas a partir dos vestígios materiais encontrados nos sítios arqueológicos. Tal problema aumenta, à medida que se recua no tempo e diminuem as possibilidades de se estabelecer com firmeza analogias entre os dados arqueológicos e etnográficos. Quando se chega a uma data como 40 mil anos, pode-se afirmar, com certeza, que

qualquer tipo de correlação que se apresenta resulta apenas da imaginação do arqueólogo, não resistindo ao crivo de uma análise científica séria. No caso do Brasil, onde a possibilidade de ocupações humanas anteriores a 12 mil anos antes do presente não foi ainda satisfatoriamente estabelecida, a fraqueza de tal proposição fica ainda mais evidente. Quanto ao "domínio da civilização tukana", este seria sem dúvida a primeira sociedade não agrícola de dimensões continentais de que se tem notícia, já que a agricultura só se desenvolveu milhares de anos depois. O cenário que vem à mente é o de exércitos de caçadores exercendo trabalho compulsório nas frias noites pleistocênicas do século 400 antes de Cristo. Finalmente, vem o problema linguístico: entende a professora que os tukanos falavam já sua língua há 40 mil anos? Ou melhor, falavam eles já as suas mais de quinze línguas, já que tukano é uma família linguística composta por diferentes línguas faladas por grupos que atualmente vivem em partes do Brasil, Colômbia, Equador e Peru? Quanto à suposta ocupação da Toca da Esperança há 300 mil anos, desconheço arqueólogo brasileiro ou estrangeiro que a considere seriamente, apesar de a imprensa continuar periodicamente a apresentá-la como revolução científica. Salvo exceções, a divulgação que os arqueólogos brasileiros fazem de seus trabalhos é bastante fraca. É então através dos grandes jornais e revistas que o público tem a oportunidade de se informar sobre nossa pré-história. É uma pena que o noticiário sobre arqueologia brasileira seja quase sempre o mesmo: "homem mais antigo das Américas", "cidades perdidas", "pirâmides na Amazônia", etc. É provável que com nosso complexo de inferioridade terceiro-mundista não nos contentemos só em ser tetracampeões mundiais ou ter uma das piores divisões de renda do planeta. Temos também que ter os sítios arqueológicos mais antigos do continente.

\* Arqueólogo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo